

Pregadores de rua, anos depois

Delcides Marques¹

RESUMO: Partindo de uma memória que mistura os tempos, trata-se de recuperar a experiência de se tornar pesquisador na Praça da Sé, centro de São Paulo, diante de pregadores pentecostais de rua. Tendo isso em vista, é possível retomar alguns aspectos da pesquisa que são atuais em relação aos meus interesses de pesquisa ainda hoje.

Palavras-chave: Temporalidades; Pregadores de rua; Praça da Sé; Cidade.

ABSTRACT: From a memory that combines the times, it is to recover the experience of becoming a researcher at the Cathedral Square, the center of São Paulo, in front of pentecostal preachers street. Keeping this in view, you can resume some aspects of research that are current about my research interests today.

Keywords: Temporalities; Street preachers; Cathedral Square; City.

¹ Delcides Marques, professor de Antropologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) com doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Agradeço aos amigos Alexandre Chaves e José Edilson Teles pelo incentivo.

Retrospectiva reversa, ou: Como não menosprezar o passado

Dez anos se passaram desde que eu elaborei um projeto de Iniciação Científica², que se desdobrou num Trabalho de Conclusão de Curso³ e se consolidou numa Dissertação de Mestrado⁴. Dez anos de entrada na vida acadêmica como pesquisador principiante, e desde então sempre um aprendiz. Tendo isso em vista, a proposta do presente artigo é fazer um tipo de retrospectiva, mesmo reconhecendo que comumente as retrospectivas são injustas, e mesmo injustificadas ou injustificáveis. Afinal de contas, quando se aprecia os inícios acadêmicos, e mesmo quaisquer outros começos, a partir de uma temporalidade reificada que esteja referida seja ao passado seja ao presente, a tendência geral é vislumbrar exclusiva ou essencialmente apenas as limitações do trabalho germinal.

A proposta de recuperar e atualizar estrategicamente a experiência de pesquisa que se iniciou oficialmente há dez anos me possibilita, de certo modo, reviver de um jeito diferente o trabalho com os pregadores de rua. A memória pode ser tomada como esse dispositivo de mistura dos tempos. Os interesses que possuo hoje são diferentes daqueles que me levaram à Praça da Sé para pesquisar pregadores. Mas os interesses de hoje ao mesmo tempo mantêm relação com o que eu pretendia naqueles dias. A memória é retrospectiva.

Vale dizer, todavia, que o termo “retrospectiva”, composto latino de *retro* (para trás) e *spectus* (fitar, olhar para), remete a um olhar para trás que evidencia um estar à frente. Ou seja, olhar de frente para trás, do final para o começo. Até aí, sem grandes crises. O problema parece ocorrer quando se trata o começo numa assimetria de superação frente ao presente vivido ou futuro esperado. Desse modo, parte-se de um pressuposto passado de confusão em direção a um pretendido presente, tratado como sinônimo do próprio futuro inconfundível e final. Nem uma coisa, nem outra, portanto.

² Título do projeto de Iniciação Científica: “Igreja na rua: O imaginário religioso de pregadores pentecostais sobre a Praça da Sé em São Paulo”. Agência de fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo: 05/59391-2. Duração: março a dezembro de 2006. Orientadora: Fraya Frehse.

³ O Trabalho de Conclusão de Curso manteve o mesmo título da Iniciação Científica e foi defendido sob orientação da professora Fraya Frehse na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) em dezembro de 2006.

⁴ Título da Dissertação de Mestrado: “Confissões e ficções de um antropólogo: Etnografia dos pregadores da Praça da Sé”. 2009. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-UNICAMP). Agência de fomento: FAPESP. Processo: 07/52280-6. Duração: março de 2008 a fevereiro de 2009. Orientador: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida.

A experiência de memória aponta fundamentalmente para não menosprezar o passado por meio de uma linearidade sonhada pela modernidade e representada pelo epíteto do progresso, desenvolvimento, avanço, ruptura. Ao invés de uma retrospectiva perversa, a memória sugere uma tentativa de retrospectiva reversa que não toma o passado como o que foi, deve ou será irremediavelmente abandonado e superado. Pelo contrário, o presente e o passado são misturados como temporalidades múltiplas (cf. Latour, 1994 [1991]: 66s), coextensivas, atuais. Em suma, embaralhar um pouco os tempos e tentar escapar da assimetria entre passado e presente. Evitar o caminho mais fácil que parte de um resultado acabado e tornado a explicação para tudo o mais, inclusive para ele mesmo.

A pretendida retrospectiva reversa, que também é recíproca, remonta ao passado como presente-passado e trata o presente como passado-presente. Há uma sequência cronológica entre passado e presente, mas não há necessariamente uma sobredeterminação ou superação natural do presente frente ao passado. O tempo é constituído e narrado por meio de uma seleção fragmentada por determinadas escolhas. A articulação temporal não é óbvia. Ela é construída. Desse modo, pretendo arquitetar uma relação temporal em torno do presente etnográfico. Que é real enquanto produzida sob certa perspectiva. Falo de um recente passado que é atualidade, quando olhar para trás não implica tornar o passado superado. Mudança não é necessariamente ruptura ou superação. Pode muito bem ser adaptação, adequação, ajuste. Diante disso, resta dizer que a memória sobre a pesquisa na praça central de São Paulo não me abandona. É um passado muito atual. É um passado muito presente, uma experiência intensa, marcante, viva.

O testemunho de um antropólogo

Tudo se mistura de tal maneira que quando eu fui à praça fazer minha primeira incursão como um pesquisador, já não era a primeira vez de minha estada ali. Em torno de meus 15 anos de idade, e enquanto pentecostal, eu cheguei a pregar na Sé. Ou seja, cerca de dez anos antes dos dez anos de início da pesquisa. Durante o intervalo entre pregador e graduando em ciências sociais, vivi um nomadismo religioso. Fui sendo dirigido à antropologia no entremeio da conversão espiritual, da pregação pentecostal, do internato formal, da pretensão pastoral e da carreira professoral em teologia. Em

suma, uma vida pentecostal peregrina que me possibilitou chegar de candidato ao pastorado a estudante de antropologia.

Bastante questionado sobre minha origem pentecostal e os possíveis interesses subjacentes à minha pesquisa antropológica, torna uma justificativa necessária. A elaboração da defesa fundamenta-se na noção de testemunho como narrativa, no sentido de Walter Benjamin (1994 [1936]). A explicitação de minha origem pentecostal visa superar etnograficamente a acusação de que os intelectuais que estudam religião têm um passado religioso que costuma ser encoberto, perigoso e implícito em suas pesquisas. No meu caso, portanto, a confissão abre a possibilidade de discutir a produção etnográfica sobre pertença religiosa e pesquisa sobre religião. Ademais, se a experiência pentecostal implicou numa conversão, ou seja, numa mudança de vida, pensamento e convicção, por que não dizer que o encontro com a antropologia foi outra conversão? Tal apelação argumentativa é a defesa da memória de um *ex*-religioso convertido à antropologia, principalmente enquanto realiza o trabalho de campo e a escrita do texto. Mas ter que confessar uma experiência dessas justamente para os pares da antropologia não me parece um procedimento dos mais salutar e cabíveis. Revela muito de uma postura política convencional na disciplina.

De todo modo, a pesquisa na Sé permitiu uma reaproximação com o pentecostalismo. Dessa vez, não apenas em relação às questões teológicas. Alguns dos focos das pesquisas realizadas desde então estiveram centrados em torno das próprias definições de religião, mas também interessados nas articulações entre religião, cidade e sociabilidade. Quero recuperar muito brevemente as três articulações em torno da temática religiosa no que tange à definição, à cidade e à sociabilidade⁵.

O pregador da cidade e a cidade do pregador

O pregador está desenvolvendo seu culto na rua. O “morador de rua” retruca suas palavras. O pregador interage com os presentes: “perguntem a religião dele, perguntem”. Mas ele mesmo responde imediatamente: “Com certeza é católico, por isso que a vida dele está assim”. Para o pregador, a Igreja Católica “não é igreja, é comunidade religiosa, religião”. Eu não perco a oportunidade e questiono sobre a sua própria religião, visando com isso, compreender como o pregador se classifica. A sua

⁵ Irei recuperar alguns dados e análises utilizados em pesquisas anteriores, mas principalmente num dos trabalhos (cf. Marques, 2009).

resposta vem rápida e pronta: “Eu não tenho religião, tenho Jesus, e Jesus não é religião, é salvação”. Ele também defende que “toda religião é fundada pelo Diabo”.

Diante disso, três alternativas se colocam: fingir que não o ouço ou que ele não me diz isso (tentando enganar a mim mesmo, não a ele, evidentemente); ignorar suas palavras e sobrepor a elas as categorias explicativas já prontas (considerando que ele não sabe do que está falando); ou tomar suas palavras como imbuídas de sentido e como potencialmente contrastantes com o saber acadêmico (pensando em revisar a elaboração sociológica e antropológica acerca deste “fenômeno social”).

Opto pela última alternativa, julgando-a mais coerente com uma “ciência social do observado”, como diria Claude Lévi-Strauss (1987 [1960]). Procuo perceber o que está em jogo na rejeição que o pregador faz do qualificativo e designativo religioso e religião. Para o pregador da Sé o termo religião possui claras conotações negativas. Primeiro por implicar etimologicamente numa “religação” do homem com Deus. Em suas palavras, ele “vive Jesus, não religião”. O que se refere não a uma tentativa dos homens se religarem a Deus, mas numa iniciativa do próprio Deus de se aproximar deles. Jesus teria religado os homens a Deus.

Além disso, quando o pregador utiliza os termos religião/religioso o faz para, de modo englobante, criar contraste, estabelecer diferença. O que mais o incomoda na Sé são os “religiosos”, muitas vezes crentes, mas também católicos. São aqueles que param entre seus ouvintes e retrucam, criticam, debatem e provocam o pregador com a intenção de constrangê-lo e envergonhá-lo e promover suas próprias religiões.

O pregador vê na religião uma invenção humana, diabólica, fanática e supersticiosa. Enquanto humana, ela é social e não divina, em acordo com os sociólogos. Por ser diabólica, ela é deturpação e não genuína, em acordo com os fundamentalistas. Como vinculada ao fanatismo, religião é ignorância e cegueira, em acordo com os cétricos. Sendo superstição, ela é crença e não fé, convicção, em acordo com os modernos. Enfim, o desafio analítico apontado pelo pregador deixa em aberto futuras discussões acerca de suas possibilidades metodológicas e conceituais.

Mais um ponto a considerar na argumentação aqui proposta tem a ver com a dinâmica do centro da cidade. Nas imediações da Sé, há bancos, lojas e órgãos públicos em monumentais edificações que constituem o Poder Judiciário na cidade de São Paulo, Palácio da Justiça e Fórum João Mendes Júnior. Tem-se, ainda, o Tribunal de Contas e algumas secretarias do governo do Estado de São Paulo, como a da Fazenda, a de Energia e Saneamento, a da Segurança Pública, entre outras. Há também o Marco Zero

e a Catedral. E como a cidade não é feita apenas de prédio, espaços e arquitetura, a frequência de gente na Sé, que se dá em função desses serviços, é diretamente proporcional à variedade de atividades de comércio não apenas formal, mas informal ali. Há “moradores de rua”, policiais militares e guardas civis, bem como garis que ficam em revezamento na Sé.

O local é, devido ao constante trânsito de pedestres, estratégico para apresentar qualquer tipo de arte. Alguns divulgam suas próprias músicas e material audiovisual, outros cantam músicas já conhecidas ou de improviso (como os repentistas), mas sempre solicitando ajuda financeira para continuarem se apresentando. Em meio a diversas opções de entretenimento e consumo, acham-se os pregadores da Sé.

Os pregadores constituem o dinheiro em oferta (com a distribuição dos envelopes) e em contribuição (com a obtenção dos produtos audiovisuais de pregação ou de testemunho). Nas duas circunstâncias o dinheiro é tomado como benção, ajuda: a questão não é “ganhar dinheiro, mas só podemos contar com a ajuda de vocês”. Não é mais uma questão de dinheiro, é uma questão de sobrevivência (“é meu trabalho, meu testemunho”) e de generosidade (“ajudem o pregador”). Nesse sentido, a oferta é a fonte financeira de alguém que “vive da obra” e tem a pregação e o testemunho como seus meios de manutenção financeira. Nesse sentido, a análise da cidade sob a ótica do capital precisa ainda incorporar os diversos modos como o dinheiro se constitui não apenas em termos de lucro, mas também, e exemplarmente, em termos de benção divina.

Ainda em se tratando disso, os pregadores estão em relação de sociabilidade com a divindade e com os homens. Mas também em relação social com os objetos usados no culto da rua: bíblia, dinheiro e material audiovisual, para citar apenas os mencionados no artigo. Os objetos estão presentes constitutivamente no culto e no serviço dos pregadores. Há agência dos objetos no coletivo que se forma em relação ao culto. Tudo se conjuga para tornar o local que era secular em espaço cúltico. Tudo se combina na construção do ambiente da pregação como igreja na rua.

Por fim, enfim

Terminar sem fechar é o que pretendo aqui. As reflexões um tanto rápidas e suspeitas realizadas aqui, evocam para mim a experiência espaço-temporal do trabalho de campo na Sé. A memória dispara a conexão de temporalidades variadas que se combinam de

forma imprevista. Mas o artigo, além de apontar para as questões de subjetividade do pesquisador, pretende entrever alguns temas que podem ser recuperados e aprofundados, quais sejam: o desgaste da noção de religião como categoria analítica; a cidade como espaço do capital e dos prédios, sendo contrastado com a prática de pregadores de rua que tornam o dinheiro benção e fazem culto numa igreja ao ar livre; e, por fim, pensar a agência num sentido que compreenda os homens, os seres espirituais e os objetos. Diante dessas questões, a atualidade da pesquisa de dez anos vincula-se, entre outras coisas, ao seu potencial de continuar instigando novas questões, ao menos para mim.

Referência

- BENJAMIN, Walter. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas; v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 7ª ed., 1994 [1936], p. 197-221.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994 [1991].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “O campo da antropologia”, in: *Antropologia estrutural dois*. Trad. Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2ª ed., 1987 [1960], p. 11-40.
- MARQUES, Delcides. *Igreja na rua: O imaginário religioso de pregadores pentecostais sobre a Praça da Sé em São Paulo*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). São Paulo: FESPSP, 2006.
- _____. *Confissões e ficções de um antropólogo: Etnografia dos pregadores da Praça da Sé*. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). Campinas: IFCH-UNICAMP, 2009.